GIL VICENTE

FRANTO DE MARIA PARDA

PQ
9251
P7
19--

Pranto de Maria Parda

Por que vio as ruas de Lisboa
com tão poucos ramos nas tavernas e o vinho tão caro,
e ella não podia viver sem elle

DECIMA SEGUNDA EDIÇÃO

OITAVA EM SEPARADO DAS **OBRAS VARIAS**

ADVERTENCIA IMPORTANTE

ADOLESCENTES DE UM E OUTRO SEXO!

Sob um titulo que vos poderá attrahir este livro contem mysterios de iniquidade. Se o abrisseis depois d'este pregão, só de vós mesmos, vos podéreis queixar. Não é para vós que foi escripto. Quem o apresentasse, ou o permittisse, só esse seria o seu invenenador

Estas palavras escreveu-as Antonio Feliciano de Castilho na primeira pagina da traducção dos **Amores** *de Ovidio*
O **Pranto de Maria Parda** *não encerra mysterios de iniquidade, mas tambem não deve ser lido pela innocencia.*

PQ
9251
P7
19__

LIBRARY
JUL 1 1966
UNIVERSITY OF TORONTO

1096142

Toronto
Enc — 90.

PRANTO DE MARIA PARDA

Por que vio as ruas de Lisboa com tão poucos ramos nas tavernas e o vinho tão caro, e ella não podia viver sem elle

Eu so quero prantear
Este mal que a muitos toca;
Que estou ja como minhoca
Que puzerão a seccar.
Triste desaventurada,
Que tão alta está a canada
Pera mi como as estrellas;
Oh! coitadas das guelas!
Oh! guelas da coitada!

Triste desdentada escura,
Quem me trouxe a taes mazelas!
Oh! gengivas e arnellas,
Deitae babas de seccura;
Carpi-vos, beiços coitados,
Que ja lá vão meus toucados,
E a cinta e a fraldilha;
Hontem bebi a mantilha,
Que me custou dous cruzados.

Oh! Rua de San Gião,
Assi 'stás da sorte mesma
Como altares de quaresma
E as malvas no verão.
Quem levou teus trinta ramos

E o meu mana bebamos,
Isto a cada bocadinho?
Ó vinho mano, meu vinho,
Que ma ora te gastamos.

Ó travéssa zanguizarra
De Mata-porcos escura,
Como estás de ma ventura,
Sem ramos de barra a barra.
Porque tens ha tantos dias
As tuas pipas vazias,
Os toneis postos em pé?
Ou te tornaste Guiné
Ou o barco das enguias.

Tríste quem não cega em ver
Nas carnicerias velhas
Muitas sardinhas nas grelhas;
Mas o demo ha de beber.
E agora que estão erguidas
As coitadas doloridas
Das pipas limpas da borra,
Achegou-lhe a paz com porra
De crecerem as medidas.

Ó Rua da Ferraria,
Onde as portas erão mayas,
Como estás cheia de guaias,
Com tanta louça vazia!
Ja m'a mim aconteceo
Na manhan que Deos naceo,
Á hora do nacimento,
Beber alli hum de cento,
Que nunca mais pareceo.

Rua de Cata-que-farás,
Que farei e que farás!
Quando vos vi taes, chorei,

E tornei-me por detras.
Que foi do vosso bom vinho,
E tanto ramo de pinho,
Laranja, papel e cana,
Onde bebemos Joanna
E eu cento e hum cinquinho.

Ó tavernas da Ribeira,
Não vos verá a vós ninguem
Mosquitos, o verão que vem,
Porque sereis areeira.
Triste, que será de mi!
Que ma ora vos eu vi!
Que ma ora me vós vistes!
Que ma ora me paristes,
Mãe da filha do ruim!

Quem vio nunca toda Alfama
Com quatro ramos cagados,
Os tornos todos quebrados!
Ó bicos da minha mama!
Bem alli ó Sancto Esprito
Ia eu sempre dar no fito
N'hum vinho claro rosete.
Oh! meu bem doce palhete,
Quem pudera dar hum grito!

Ó triste Rua dos Fornos,
Que foi da vossa verdura!
Agora rua d'amargura
Vos fez a paixão dos tornos.
Quando eu, rua, per vós vou,
Todolos traques que dou
São suspiros de saudade;
Pera vós ventosidade
Naci toda como estou.

Fui-me ó Poço do chão,
Fui-me á praça dos canos;
Carpi-vos, manas e manos,
Que a dezaseis o dão.
Ó velhas amarguradas,
Que antre tres sete canadas
Sohiamos de beber,
Agora, tristes! remoer
Sete raivas apertadas.

Ó rua da Mouraria,
Quem vos fez matar a sêde
Pela lei de Mafamede
Com a triste d'agua fria?
Ó bebedores irmãos,
Que nos presta ser christãos,
Pois nos Deos tirou o vinho?
O' anno triste cainho,
Porque nos fazes pagãos?

Os braços trago cansados
De carpir estas queixadas,
As orelhas engelhadas
De me ouvir tantos brados.
Quero-m'ir ás taverneiras,
Taverneiros, medideiras,
Que me dem hua canada,
Sôbre meu rosto fiada,
A pagar la polas eiras.

(Pede fiado á Biscaïnha.)

O' Senhora Biscaïnha,
Fiae-me canada e meia,
Ou me dae hua candeia,
Que se vai esta alma minha.
Acudi-me dolorida,
Que trago a madre cahida,

E çarra-se-me o gorgomilo:
Emquanto posso engoli-lo,
Soccorei-me minha vida.

BISCAINHA

Não dou eu vinho fiado,
Ide vós embora, amiga.
Quereis ora que vos diga?
Não tendes isso aviado.
Dizem lá que não he tempo
De pousar o cu ao vento.
Sangrade-vos, Maria Parda;
Agora tem vez a Guarda
E a raia no avento.

(A João Cavalleiro, Castelhano).

Devoto João Cavalleiro,
Que pareceis Isaïas,
Dae-me de beber tres dias,
E far-vos-hei meu herdeiro.
Não tenho filhas nem filhos,
Senão canadas e quartilhos;
Tenho enxoval de guarda,
Se herdardes Maria Parda,
Sereis fóra d'empecilhos.

JOÃO CAVALLEIRO

Amiga, dicen por villa
Un ejemplo de Pelayo,
Que una cosa piensa el bayo
Y otra quien lo ensilla.
Pagad, si quereis beber;
Porque debeis de saber
Que quien su yegua mal pea,
Aunque nunca mas la vea,
Èl se la quiso perder,

(Vai-se a Branca Leda).

Branca mana, que fazedes?
Meu amor, Deos vos ajude;
Que estou no ataude,
Se me vós não accorredes.
Fiade-me ora tres meias,
Que ando por casas alheias
Com esta sêde tão viva,
Que ja não acho cativa
Gota de sangue nas veias.

BRANCA LEDA

Olhade, mulher de bem,
Dizem qu'em tempo de figos
Não ha hi nenhuns amigos,
Nem os busque então ninguem.
E diz o exemplo dioso,
Que bem passa de guloso
O que come o que não tem.
Muita agua ha em Boratem
E no poço do tinhoso.

(Vai-se a João do Lumiar)

Senhor João do Lumiar,
Lume da minha cegueira,
Esta era a verde pereira
Em que vos eu via estar.
Fiae-me um gentar de vinho,
E pagar-vos-hei em linho,
Que ja minha lã não presta:
Tenho mandada hua besta
Por elle a antre Douro e Minho.

JOÃO DO LUMIAR

Exemplo de mulher honrada,
Que nos ninhos d'ora a hum anno
Não ha passaros oganno.

I-vos, que sois aviada.
Emquanto isto assi dura,
Matae com agua a seccura,
Ou ide a outrem enganar,
Que eu não m'hei de fiar
De mula com matadura.

(Indo pera casa de Martin Alho, vai dizendo):

Amara aqui hei d'estalar
Nesta manta emburilhada:
Oh! Maria Parda coitada,
Que não tens já que mijar!
Eu não sei que mal foi este,
Peor cem vezes que a peste,
Que quando era o trão e o tramo,
Andava eu de ramo em ramo
Não quero deste, mas deste.

(Diz a Martim Alho):

Martim Alho, amigo meu
Martim Alho meu amigo,
Tão secco trago o embigo
Como nariz de Judeu.
De sêde não sei que faça:
Ou fiado ou de graça,
Mano, soccorrede-me ora,
Que trago ja os olhos fóra
Como rala da negaça.

MARTIM ALHO

Diz hum verso acostumado:
Quem quer fogo busque a lenha;
E mais seu dono d'acenha
Appella de dar fiado.
Vós quereis, dona, folgar,
E mandais-me a mim fiar?
Pois diz outro exemplo antigo,

Quem quizer comer comigo
Traga em que se assentar.

(Vai-se á Falula).

Amor meu, mana Falula,
Minha gloria e meu deleite,
Emprestae-me do azeite,
Que se me sécca a matula.
Até que haja dinheiro,
Fiae, que pouco requeiro,
Duas canadas bem puras,
Por não ficar ás escuras,
Que se m'arde o candieiro.

FALULA

Diz Nabucodonosor
No sideraque e miseraque,
Aquelle que dá gran traque
Atravesse-o no salvanor.
E diz mais, quem muito pede,
Mana minha, muito fede.
Sete mil custou a pipa;
Se quereis fartar a tripa,
Pagae, que a vinte se mede.

MARIA PARDA

Raivou tanto sideraque
E tanta zarzagania,
Vou-me a morrer de sequia
Em cima d'hum almadraque.
E ante de meu finamento,
Ordeno meu testamento
Desta maneira seguinte,
Na triste era de vinte
E dous desde o nacimento.

TESTAMENTO

A minha alma encommendo
A Noé e a outrem não,
E meu corpo enterrarão
Onde estão sempre bebendo.
Leixo por minha herdeira
E tambem testamenteira,
Lianor Mendes d'Arruda,
Que vendeo como sesuda,
Por beber, at'á peneira.

Item mais mando levar
Por tochas cepas de vlnha,
E hua borracha minha
Com que me hajão d'encensar,
Porque teve malvasia.
Encensem-me assi vazia,
Pois tambem eu assi vou;
E a sêde que me matou,
Venha pola cleresia.

Levar-me-hão em hum andor
De dia, ás horas certas
Que estão as portas abertas
Das tavernas per hu for.
E irei, pois mais não pude,
N'hum quarto por ataude,
Que não tivesse agua pé:
O *sovenite* a Noé
Cantem sempre a meude.

Diante irão mui sem pejo
Trinta e seis odres vazios,
Que despejei nestes frios,
Sem nunca matar desejo.
Não digão missas rezadas,

Todas sejão bem cantadas
Em Framengo e Allemão,
Porque estes me levarão
Ás vinhas mais carregadas.

Item dirão per dó meu
Quatro ou cinco ou dez trintairos,
Cantados per taes vigairos,
Que não bebão menos qu'eu.
Sejão destes tres d'Almada,
E cinco daqui da Sé,
Que são filhos de Noé,
A que som encommendada.

Venha todo o sacerdote
A este meu enterramento,
Que tiver tão bom alento
Como eu tive ca de cote.
Os de Abrantes e Punhete,
D'Arruda e d'Alcouchete,
D'Alhos-Vedros e Barreiro,
Me venhão ca sem dinheiro
Até cento e vinte e sete.

Item mando vestir logo
O frade allemão vermelho
Daquelle meu manto velho
Que tem buracos de fogo.
Item mais, mais mando dar
A quem se bem embebedar
No dia em que eu morrer,
Quanto movel hi houver
E quanta raiz se achar.

Item mando agasalhar
Das orphans estas nó mais
As que por beber dos paes
Ficão proves por casar.

Ás quaes darão por maridos
Barqueiros bem recozidos
Em vinhos de mui bôs cheiros;
Ou busquem taes escudeiros,
Que bebão coma perdidos.

Item mais me cumprirão
As seguintes romarias,
Com muitas ave-marias.
E não curem de Monção.
Vão por mim á Sancta Orada
D'Atouguia e d'Abrigada,
E a Curageira sancta,
Que me derão na garganta
Saude a peste passada.

Item mais me prometti
Nua á pedra da estrema,
Quando eu tive a postema
No beiço de baixo aqui.
E porque gran gloria senta,
Lancem-me muita agua benta
Nas vinhas de Caparica,
Onde meu desejo fica
E se vai a ferramenta.

Item me levarão mais
Hum gran cirio pascoal
Ao glorioso Seixal
Senhor dos outros Seixaes;
Sete missas me dirão
E os caliz encherão,
Não me digão missa sêcca;
Porque a dor da enchaqueca
Me fez esta devação.

Item mais mando fazer
Hum espaçoso esprital,

Que quem vier de Madrigal
Tenha onde se acolher.
E do termo d'Alcobaça
Quem vier dem-lhe em que jaça:
E dos termos de Leirea
Dem-lhe pão, vinho e candea,
E cama, tudo de graça.

Os d'Obidos e Santarem,
Se aqui pedirem pousada,
Dem-lhes de tanta pancada
Como de maos vinhos tem.
Homem d'Entre Douro e Minho
Não lhe darão pão nem vinho;
E quem de riba d'Avia for
Fazê-lhe por meu amor
Como se fosse vizinho.

Assi que por me salvar
Fiz este meu testamento,
Com mais siso e entendimento
Que nunca me sei estar.
Chorae todos meu perigo,
Não levo o vinho que digo,
Qu'eu chamava das estrellas,
Agora m'irei par'ellas
Com grande sêde comigo.

CARTA

QUE GIL VICENTE MANDOU DE SANTAREM
A EL-REI D. JOÃO III, ESTANDO S. A. EM PALMELLA,
SOBRE O TREMOR DE TERRA,
QUE FOI A 26 DE JANEIRO DE 1531

QUINTA EDIÇÃO

PRIMEIRA EM SEPARADO DAS *OBRAS VARIAS*

CARTA DE GIL VICENTE A D. JOÃO III

Senhor!

Os frades de ca não me contentárão, nem em pulpito nem em pratica, sobre esta tormenta da terra que ora passou; porque não abastava o espanto da gente, mas ainda elles lhe affirmavão duas cousas, que os mais fazia esmorecer. A primeira, que pelos grandes peccados que em Portugal se fazião, a ira de Deos fizera aquillo, e não que fosse curso natural, nomeando logo os peccados por que fôra; em que pareceo que estava nelles mais soma de ignorancia que de graça do Spirito Sancto. O segundo espantalho, que á gente puzérão, foi, que quando aquelle terramoto partio, ficava ja outro de caminho, senão quanto era maior, e que sería com elles á quinta feira hua hora depois do meio dia. Creu o povo n'isto de feição que logo o sahírão a receber por esses olivaes, e ainda o lá esperão. E juntos estes padres a meu rôgo na crasta de S. Francisco desta villa, sobre estas duas proposições lhe fiz hua falla na maneira seguinte. „Reverendos „padres, o altissimo e soberano Deos nosso tem dous mundos: o pri- „meiro foi sempre e pera sempre; que he a sua resplandecente gloria, „repouso permanecente, quieta paz, socêgo sem contenda, prazer „avondoso, concordia triumphante: mundo primeiro. Este segundo „em que vivemos, a sabedoria immensa o edificou polo contrário, „todo sem repouso, sem firmeza certa, sem prazer seguro, sem fausto „permanecente, todo breve, todo fraco, todo falso, temeroso, avorrecido, „cansado, imperfeito; pera que por estes contrairos sejão conhecidas „as perfeições da gloria do segre primeiro. E pera que melhor sintão „suas pacíficas concordanças, todolos movimentos que n'este orbe

„criou, e os affeitos delle são litigiosos; e porque não quiz que ne-
„nhua cousa tivesse perfeita durança sôbre a face da terra, estabele-
„ceo na ordem do mundo, que huas cousas dessem fim ás outras, e
„que todo o genero de cousa tivesse seu contrairo; como vemos que
„contra a fermosura do Verão, o fogo do Estio; e contra a vaidade
„humana, a esperança da morte; e contra o fermoso parecer, as pra-
„gas da infermidade; e contra a fôrça, a velhice, e contra a privança,
„inveja, e contra a riqueza, fortuna, e contra a firmeza dos fortes e
„altos arvoredos, a tempestade dos ventos; e contra os fermosos tem-
„plos e sumptuosos edificios, o tremor da terra, que por muitas ve-
„zes em diversas partes tem posto por terra muitos edificios e cidades;
„e por serem acontecimentos que procedem da natureza, não foram
„escriptos, como escrevêrão todos aquelles que forão por milagre,
„como *Templum Pacis* de Roma, que cahio todo supitamente, no ponto
„que a Virgem nossa senhora pario; e o sorvetimento das cinco cida-
„des mui populosas de Sodoma, e dos Egipcios no mar ruivo, e a des-
„truição dos que adorárão o bezerro, e o sovertimento dos que mur-
„murarão de Moyses e Aram, e a destruição de Jerusalem, por serem
„milagrosos e procederem per nova permissão divina, sem a ordem
„deste segre nisso ter parte. E porque nenhua cousa ha hi debaixo
„do sol sem tornar a ser o que foi, e o que virão desta qualidade
„de tremor havia de tornar a ser por fôrça, ou cedo ou tarde, não o
„escrevêrão. Concruo que não foi este nosso espantoso tremor, *ira*
„*Dei;* mas ainda quero que me queimem, se não fizer certo que tão
„evidente e manifesta foi a piedade do Senhor Deos neste caso, como
„a furia dos elementos e damno dos edificios."

E respondendo á segunda proposição contra aquelles que dizião que logo viria outro tremor e que o mar se levantaria a 25 de Fevereiro, digo, „que tanto que Deos fez o homem, mandou deitar hum
„pregão no paraiso terreal, que nenhum seraphim nem anjo nem ar-
„chanjo, nem homem nem mulher, nem sancto nem sancta, nem san-
„ctificado no ventre de sua mãe, não fosse tão ousado que se entre-
„mettesse nas cousas que estão por vir. E depois no tempo de Moy-
„ses mandou deitar outro pregão, que a nenhum advinhadeiro, nem
„feiticeiro não dessem vida; e depois de feito Deos e homem, deitou
„outro pregão sôbre o mesmo caso, dizendo aos discipulos: *não con-*
„*vem a vós outros saber o que está por vir, porque isso pertence á om-*
„*nipotencia do Padre.* Polo qual mui maravilhado estou dos lettrados

„mostrarem-se tão bravos contra tão horridos pregões e defezas do „Senhor, sendo certo que uunca cousas destas disserão, de que não „ficassem mais mentirosos que prophetas; e não menos me maravilho „daquelles que crem que nenhum homem póde saber aquillo que não „tem ser, senão no segredo da eternal sabedoria; que o tremor de „terra ninguem sabe como he, quanto mais quando será e quamma- „nho será. Se dizem que por estrologia, que he sciencia, o sabem; „não digo eu os d'agora que a não sabem soletrar, mas he em si tão „profundissima, que nem os da Grecia, nem Moyses, nem Joannes „de Monteregio alcançárão da verdadeira judicatura peso de hum ou- „ção; e se dizem que por magica, esta carece de toda a realidade, e „toda a sustancia sua consiste em apparencias de cousas presentes, e „do porvir não sabe nenhua cousa; se por espirito prophetico, ja cru- „cificárão o propheta derradeiro: ja não ha de haver mais. Concruo, „virtuosos padres, sob vossa emenda, que não he de prudencia dize- „rem-se taes cousas pubricamente, nem menos serviço de Deos; por- „que prégar não hade ser praguejar. As villas e cidades dos Reinos „de Portugal, principalmente Lisboa, se hi ha muitos peccados, ha „infindas esmolas e romarias, muitas missas, e orações, e procissões, „jejuns, disciplinas, e infindas obras pias, pubricas e secretas: e se „alguns hi ha que são ainda estrangeiros na nossa fé e se consentem, „devemos imaginar que se faz por ventura com tão sancto zelo, que „Deos he disso muito servido; e parece mais justa virtude aos servos „de Deos e seus prégadores animar a estes e confessá-los e provocá- „los, que escandaliza-los e corrê-los, por contentar a desvairada opi- „nião do vulgo." E porque tudo me louvárão e concedêrão ser muito bem apontado, o mandei a V. A. por escripto, até lhe Deos dar tanto descanso e contentamento como em todos seus reinos he desejado, pera que por minha arte lhe diga o que aqui fallece. E porém saberá V. A. que este auto foi de tanto seu serviço, que nunca cuidei que se offerecesse caso em que tão bem empregasse o desejo que tenho de o servir, assi visinho da morte como estou: porque, á primeira prégação, os christãos novos desapparecêrão e andavão morrendo de temor da gente, e eu fiz esta diligencia e logo ao sabado seguinte seguirão todolos prégadores esta minha tenção.

PQ 9251 P7 19--

Vicente, Gil
Pranto de Maria Parda
12. ed.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

ADERNAÇÃO
da
RIA CASTRO E SILVA
PORTO - PORTUGAL